

## O "BRASILEIRO" STEFAN ZWEIG

Antônio Chiarello

No início da década de 30, deste século, o escritor mais popular na Europa — e talvez no mundo — era um judeu vienense, nascido no dia 28 de novembro de 1881. Pertencente a família abastada, Stefan Zweig teve, desde criança, todas as condições para escolher os seus caminhos e para se dedicar, integralmente, à sua predestinação vocacional: o culto da Literatura e da Arte.

Desde cedo, abominou todas as formas de limitação, eis que, em toda a sua vida, o seu sentimento mais forte foi o de ser livre. Por isso, passou pela escola sem amá-la e fez um curso universitário apenas para atender à vontade da família, mas sem frequentar as aulas, limitando-se a fazer os exames, para conquistar um diploma que nunca usou.

A adolescência já foi, para ele, o clima para uma intensa vida cultural, na leitura, nos debates, no convívio com os círculos artísticos, na elaboração dos seus primeiros poemas e contos.

Livre da Universidade, o jovem Stefan Zweig ganhou o mundo. Durante anos, viajou em todas as direções, sem parar, lendo, observando, ligando-se, pela amizade e pela identidade espiritual, aos grandes escritores e artistas da Europa. Com uma paixão insaciável, procurava as livrarias, os museus, os arquivos, os teatros os "ateliers" de arte. Ou caminhava anonimamente pelas ruas e estradas do mundo, observando o povo, recolhendo tipos que depois transmigraria para suas novelas e seus romances. Ao mesmo tempo, em qualquer lugar que estivesse, escrevia incansavelmente. Artista da palavra, esteta da frase, com um estilo rico e musical, com uma extraordinária capacidade de chegar ao fundo da alma dos personagens — como se usasse um cateter com uma luzinha para lhe mostrar a noite do Inconsciente — o escritor ainda jovem começou a conhecer o sucesso. As editoras esperavam avidamente seus livros, os teatros pediam-lhe peças, os jornais e revistas acolhiam seus trabalhos.

Nessa atividade febril e bem sucedida — escrevendo, traduzindo, viajando — colheu-o a Primeira Grande Guerra. De repente, Stefan Zweig tinha que considerar "inimigos" os melhores amigos que possuía em outros países, seus irmãos na Arte e na Cultura. Os outros escritores, seus compatriotas, exaltavam a guerra e o ódio. Mas ele era um humanista e um pacifista. E o que escreveu foi um artigo intitulado "Aos amigos no estrangeiro", no qual combatia a guerra e defendia a Paz. Antes que a guerra terminasse, Zweig conseguiu ser liberado do cargo burocrático em que servia, e transferiu-se para a Suíça, onde podia conviver com amigos de outras nacionalidades, intelectuais que, como ele, batiam-se pela Paz.

*Finda a guerra, voltou para a pátria. Foi viver em Salzburg, a pacata cidade de Mozart. Foram anos calmos, nos quais Stefan Zweig atingiu o auge de seu triunfo em todo o mundo. Seus livros editavam-se aos milhões, traduzidos em dezenas de idiomas, publicados inclusive em versões estenográficas e em versões para cegos. Seus amigos eram os maiores espíritos da época, os mais altos nomes da Literatura, da Arte, da Cultura, em numerosos países. Escrevia infatigavelmente, viajava, fazia conferências, pesquisava, caçava apaixonadamente autógrafos e manuscritos raros, que colecionava com carinho.*

Era, sem dúvida, o mais popular escritor europeu naquele início da década de 30, quando, novamente, as nuvens do infortúnio caíram sobre ele e sua pátria. Adolf Hitler lançara a sombra do nazismo sobre a Europa. Da Alemanha, ela se espalhou sobre as nações vizinhas e logo o anti-semitismo começava a fazer as suas vítimas. Stefan Zweig viu a fúria desabar contra a sua raça e contra seus amigos. Um dia, a sua casa foi invadida pela polícia. Logo, seus livros foram queimados e proibidos.

O escritor tinha um só caminho. Emigrou para a Inglaterra. E lá ficou desde 1934 até 1940, acompanhando, de longe, a anexação e provincialização da sua Áustria. A sua pátria desapareceu, ele se tornou “um homem sem pátria”, e, pois, um homem sem passaporte. “No dia em que perdi o meu passaporte — disse ele — descobri, com 58 anos, que o indivíduo, ao perder a sua pátria, perde mais do que um pedaço de terra”.

Logo, veio, outra vez, a guerra, e ele, um austríaco, e agora, portanto, um alemão, passava a ser considerado um “inimigo” na Inglaterra. Mais uma vez partiu. Veio para a América, tentou fixar-se nos Estados Unidos. Mas como, em 1936, ele conhecera rapidamente o Brasil, decidiu vir para este país, sobre o qual escreveria um carinhoso livro, **Brasil, País do Futuro**. Aqui, isolou-se num tranqüilo recanto da Serra dos Órgãos, em Petrópolis, para retomar calmamente o seu trabalho.

Estava-se então em fins de 1941. A vasta obra de Stefan Zweig abrangia todos os temas. Teatro, com peças como **Tersites, Jeremias, Volpone, Dama do Mar** e outras. Ensaios sobre Casanova, Stendhal, Tolstoi, Balzac, Dickens, Dostoiewski, Hoelderlin, Kleist, Nietzsche, Mesmer, Freud, Erasmo, Castellio e outros. Numerosos romances e novelas, como **Amok, Um segredo de amor, Confusão dos sentimentos, 24 horas na vida de uma mulher, Carta de uma desconhecida, Coração inquieto, O candelabro enterrado, O medo, Leporella** e tantos mais, em grande profusão. Biografias importantes, como as de Maria Antonieta, Fouché, Maria Stuart, Fernão de Magalhães, Romain Rolland, Montaigne, Vespuccio. E entre tantos outros mais, o seu livro de memórias, **O mundo que eu vi**.

Embora ainda acreditasse que viria “a aurora depois da grande noite”, Zweig já não tinha paciência para esperá-la. Apesar de ter sido, sempre, um “cidadão do mundo”, apesar de sua luta permanente pela “união espiritual acima das fronteiras”, ele confessava, agora: “Em toda parte, sou estrangeiro”, e mostrava seu desalento, ao dizer: “Entre o nosso hoje, o nosso ontem e o nosso anteontem, destruíram-se todas as pontes”. Sua casa, seus livros, suas coleções, seus amigos, tudo tinha ficado para trás, perdido, engolfado na tragédia da Europa dominada pelo nazismo e mergulhada na guerra.

Nos primeiros dias de 1942, Stefan Zweig encerrara o prefácio de suas memórias, dizendo querer que as suas recordações dessem ao menos um reflexo de sua vida... “antes que ela submerja nas trevas”. Poucos dias depois, a 22 de fevereiro de 1942, ele próprio e sua esposa procuraram as trevas, suicidando-se em Petrópolis. Essa renúncia final de um homem de 60 anos, em plena glória, ele próprio a justificou, em sua última poesia: “O olhar despede mais chama / no instante da despedida / E é na renúncia que se ama / mais intensamente a vida”.

( Do “Correio do Povo”, Porto Alegre,  
28-11-1981, centenário de Stefan Zweig. )

\*